



O LUGAR MAIS LOTADO

(visto por quem ainda espera)

FERDINANDO FREGA

**“Uma clínica cura os pacientes.
Uma comunidade que acolhe ampara as
pessoas.”**

I. O lugar mais lotado

Qual é o lugar mais lotado de uma unidade de saúde?

Não é o saguão.

Não são os ambulatórios.

Não é a sala de espera.

Nem os corredores.

O lugar mais lotado é aquele que não aparece em nenhuma planta.

É o futuro.

Todos os que entram trazem consigo uma pergunta.

Os pacientes.

As famílias.

Os médicos.

Os enfermeiros.

Os diretores.

Até quem limpa o chão.

Ninguém sabe verdadeiramente como vai terminar — ou talvez finjam, por medo.

E, ainda assim, todos continuam a fazer planos para o dia seguinte.

Em nenhum outro lugar vi tanta gente viver ao mesmo tempo no mesmo presente e habitar, com obstinação, o mesmo futuro.

É por isso que acredito que o cemitério é o lugar mais lotado que já conheci.

II. Epílogo

Muitos pensam que o oposto da vida é a morte.

Não tenho tanta certeza.

Depois de passar um tempo em clínicas de reabilitação, hospitais, casas de repouso e cemitérios, cheguei a uma conclusão diferente.

O oposto da vida não é a morte.

É o esquecimento.

E é provavelmente por essa razão que o cemitério é um dos lugares mais lotados que conheço.

Não de pessoas.

De memória.

A vida inteira temos medo do cemitério.

Quando crianças, ensinam-nos que é o lugar do fim.

Quando adultos, aprendemos a evitá-lo.

Vamos até lá por dever, nos aniversários, por respeito.

Entramos em silêncio e saímos assim que podemos.

E, no entanto, olhando de perto, descobri que o cemitério não é o lugar dos mortos.

Os mortos não estão ali.

Estão nas casas que habitaram.

Nas palavras que deixaram.

Nos gestos que aprendemos com eles.

Nos defeitos que herdamos.

Nas ausências que continuam a nos falar.

O cemitério é o lugar dos vivos.

Dos que voltam.

Dos que se lembram.

Dos que ainda têm algo a dizer a alguém que já não pode responder.

E deixem-me dizer, de quem lá estive, mas não encontrou lugar.

III. Página do Autor

Esta obra não foi encomendada.

Não foi vendida.

Não foi feita com fins comerciais.

Foi escrita para dar testemunho do valor da reabilitação, da dignidade humana e da relação entre as pessoas.

A única retribuição pedida é um dólar simbólico — não como pagamento pela obra, mas como testemunho de um compromisso partilhado com uma cultura de cuidado, esperança e responsabilidade.